

Raízes da hegemonia dos EUA

BIOGRAFIA DE ROOSEVELT RELEMBRA 'NEW DEAL' E ABANDONO DO ISOLACIONISMO

MARCELO DE PAIVA ABREU

As relações internacionais, desde o início dos anos 90, têm sido dominadas pela posição hegemônica dos EUA em um mundo unipolar. Essa nova fase da história mundial vem suscitando crescente interesse pela história dos EUA e, freqüentemente, provocado a condenável adoção de visão retrospectiva: sabendo-se que os EUA são hegemônicos no fim do século fica tentador reescrever a história e sugerir que isso era inevitável. A biografia escrita por Colin Black, *Franklin Delano Roosevelt. Champion of Freedom*, Nova York, 2003, 1.280 páginas, é um exemplo dessa tendência. Na conclusão, o autor não mede palavras: Roosevelt teria sido "a pessoa mais importante do século 20". O livro tem também interesse por ser escrito por magnata britânico que controla o *Daily Telegraph* e o *Spectator* e que recentemente teve de se afastar como principal executivo do grupo por ter autorizado pagamentos aparentemente indevidos.

A intenção do autor é massacrar o leitor com dados nem sempre sobre assuntos relevantes para seu tema principal. É improvável que leitores interessados em Roosevelt queiram saber o que Paulette Goddard e Anatol Litvak fizeram debaixo da mesa no *Ciro's* em 1940, embora Roosevelt estivesse interessado. O livro é prolixo, irritantemente entrecortado por digressões contrafactuais, especialmente enfáticas e simplistas quando se trata de analisar o mundo não anglo-saxão. São muitos os erros para quem está interessado em detalhes. O pobre Keynes é descrito como um economista de Oxford, a despeito de seu vínculo de quase meio século com Cambridge. Neville Chamberlain, o primeiro-ministro que capitulou em Munique, é descrito como meio-irmão de seu pai, Joseph Chamberlain. Roosevelt e Getúlio Vargas teriam se encontrado em um destróier em Recife - e não na base aérea de Natal - quando Roosevelt voltava de Casablanca em 1943.

O tema é fascinante pelo menos por duas razões. A primeira tem a ver com as medidas econômicas adotadas a partir de 1933, que levaram à reversão da intensa crise que dominou os últimos três anos da administração republicana. A segunda razão é a sua contribuição pessoal ao abandono do isolacionismo e o alinhamento dos EUA à Grã-Bretanha e à União Soviética.

O Roosevelt pré-paralisia infantil, filho de pais ricos, era jactancioso e superficial, embora não destituído de talentos políticos. Teve rápida carreira na selva política do Estado de Nova York, que culminou na sua escolha como candidato derrotado a vice-presidente em 1920. Um ano depois, a doença o vitimou mas, com grande tenacidade, aprendeu a minimizar seus efeitos. Em 1928, estava de volta como governador de Nova York e, em 1932, como primeiro presidente democrata desde Wilson, tendo sido reeleito em três eleições sucessivas. Morreu, no início do seu quarto mandato, em 1945.

Roosevelt presidente demonstrou ser político habilíssimo e magnífico orador populista, enfrentando com sucesso grandes rivais, prontos a explorar politicamente as conseqüências políticas da depressão e a louvar as virtudes do isolacionismo. Suas conversas ao pé do fogo, no rádio, encontram emuladores até hoje. Era conhecido como a esfinge e gostava de pensar-se gato na malandragem e na rapidez do ataque aos inimigos. Seu mote é o elogio da ambigüidade: "Nunca deixe a mão esquerda saber o que a direita está fazendo."

Herdou situação econômica calamitosa em 1933, com o desemprego excedendo 30% da força de trabalho. Suas novas políticas tiraram o país da recessão e gradualmente reduziram o desemprego. A literatura especializada - desconhecida por Black - tende crescentemente a dar mais importância à decisão de sair do padrão-ouro, quando o país ainda tinha reservas, do que aos programas de obras públicas e intervencionistas na agricultura e na indústria que, em qualquer caso, enfrentaram uma sucessão de decisões desfavoráveis na desafiadora Corte Suprema.

Os EUA haviam fracassado na primeira tentativa de fazer com que sua influência política internacional refletisse a sua proeminência econômica. Woodrow Wilson, nas negociações de Versalhes em 1919, acreditava que os Estados Unidos eram a única nação que todos pensavam ser desinteressada e na qual todos tinham confiança. Deixava também perceber outro grande defeito estrutural da política externa norte-americana que é a irritante propensão pedagógica ("teach them a lesson"). Não foi surpreendente que, aos dissabores de Versalhes, viesse juntar-se a humilhação da não-ratificação do tratado pelo Senado dos EUA. Estava assegurada uma sobrevida de 20 anos ao isolacionismo norte-americano.

No final dos anos 30, Roosevelt teve de enfrentar as dificuldades suscitadas pelo isolacionismo com a crescente agressividade da Itália, da Alemanha e do Japão. A vitória eleitoral em 1940 foi baseada na afirmação de que "nossos rapazes não serão mandados para a guerra", embora estivesse claramente disposto a ajudar por todos os meios a Grã-Bretanha. Teve grande habilidade em deixar que a opinião pública isolacionista se aproximasse gradativamente da sua posição pró-britânica antes que o ataque a Pearl Harbor resolvesse o dilema. Os EUA, com a sua contribuição à vitória, certamente menos dominante do que sugerido por Black, puderam assumir no pós-guerra papel na arena internacional compatível com a sua pujança econômica. A história mais recente tem mostrado, entretanto, que a ascensão do intervencionismo dos EUA, sem o contrapeso de outra superpotência, ainda não encontrou os desejáveis fatores de moderação que reduzam a desconfiança generalizada quanto à sua verdadeira natureza.

Marcelo de Paiva Abreu é professor em licença sabática do Departamento de Economia da PUC-Rio.